

6

A casa brasileira em Sobrados e mucambos – a tipologia edificatória na obra de Gilberto Freyre^{380*}

À época das publicações das primeiras edições de *Sobrados e mucambos*, uma das críticas levantadas em relação à obra freyriana dizia respeito a uma eventual simplificação dos tipos de habitação existentes no período em estudo ou à ausência de referências a outras formas de moradia, como por exemplo a tejudaba – espécie de cabana coletiva de influência indígena³⁸¹.

Gilberto Freyre contra-argumentou que havia uma diferença de ponto de vista entre sua análise, sociológica, e os

^{380*} A versão inicial deste capítulo foi publicada sob a forma de artigo na revista *Pós- Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP*, n.25.

³⁸¹ FREYRE, *Op. cit.*, p. 53.

estudos de história da arquitetura civil no Brasil. O critério de estudo era outro. Para Freyre interessava, naquele momento, reconstituir e interpretar a sociedade brasileira patriarcal a partir dos contrastes entre tipos de habitação e formas de habitar, entre tipos de residência e modos de vida³⁸².

Outra crítica auferida foi a de que apenas a um pequeno trecho do Brasil (ao nordeste ou à área Recife-Olinda) eram aplicáveis as generalizações do sociólogo³⁸³. Para Freyre, entretanto, os binômios “casa-grande-senzala” e “sobrado-mucambo” foram complexos trans-regionais no Brasil – “*no sentido da superação da região natural ou da área geográfica por considerações de espaço social*”³⁸⁴. Além disso, seu estudo não era de cunho etnográfico, etnológico, étnico, econômico ou geográfico, mas sociológico³⁸⁵.

*“Que existem no Brasil consideráveis diferenças de região para região e até de sub-região para sub-região ou de província para província, nenhum estudioso de ciência social familiarizado com a situação do nosso país é capaz de negar. Somos, há anos, dos que vêm procurando pôr em destaque não só tais diferenças com a conveniência de as conservarmos, em vez de nos submetermos a qualquer espécie de nacionalismo anti-regional que tenda a esmagá-las ou anulá-las. Mas o estudo das diferenças não nos deve fazer abandonar, em estudos sociais, o do espaço social, dentro do qual podem estender-se complexos sociais, ou de cultura, de configuração própria e até caprichosa.”*³⁸⁶

De fato, a leitura de *Sobrados e mucambos* indica uma predominância de informações e de exemplos referentes antes

382 FREYRE, *Op. cit.*, p. 54-5.

383 Idem, *ibid.*, p. 68.

384 Idem, *ibid.*, p. 70.

385 Idem, *ibid.*, p. 70.

386 Idem, *ibid.*, p. 73.

às atuais regiões nordeste e sudeste, que às regiões norte, sul e centro-oeste, quando se leva em consideração o espaço físico, em vez do espaço social – de maior interesse ao sociólogo. Gilberto Freyre descreve e analisa, com maior nível de detalhamento, duas formas de habitação: o sobrado e o mucambo, sendo este último característico da região nordeste do país. Mas apresenta outros tipos de moradia urbana e semiurbana, principalmente aquelas de alguma forma relacionadas ao sobrado, ao mucambo ou mesmo à casa-grande e à senzala (consideradas em trabalho anterior). Trata, assim, da casa-grande de sítio, da chácara, das casas térreas, dos sobrados de esquina e mesmo do cortiço, estabelecendo relações entre um tipo de habitação e outro, entre os tipos de habitação e o entorno, entre os tipos de habitação e os tipos sociais a que davam abrigo. Desse modo, ainda que predominem as informações referentes a esta ou aquela região, a este ou aquele tipo de moradia (urbana, semiurbana, rural), não se pode negar a importância da obra freyriana para a historiografia da arquitetura brasileira, não apenas por ter sido precursora da tipologia edificatória entre nós, mas também por se tratar de um dos primeiros trabalhos a abordar de modo abrangente o tema da casa brasileira, servindo de fundamento para teóricos e estudiosos da arquitetura.

Se Gilberto Freyre não analisa todos os tipos de habitação existentes no Brasil no período colonial ou durante o século XIX é porque seu trabalho não tem a intenção de ser um tratado da arquitetura produzida no país, sendo antes resultado da pesquisa de um sociólogo interessado em demonstrar como a casa contribuiu para a formação social e cultural do homem brasileiro e de que maneira explicitou e reiterou as regras e os costumes de uma sociedade patriarcal e escravocrata (ortodoxa ou em declínio).

Caracterização dos tipos de habitação

Em *Sobrados e mucambos*, além de estudar esses dois tipos de habitação, Gilberto Freyre faz referência a outras

construções de uso residencial comuns à paisagem brasileira do oitocentos: a casa térrea, o sobrado de esquina, o chalé, o cortiço e a casa de sítio ou de chácara.

Mas enquanto o sobrado (de frente para a rua ou de esquina), a casa térrea, o chalé e o cortiço estavam implantados no espaço urbano, o mucambo localizava-se nas áreas menos valorizadas da cidade ou em seus arredores, e a casa de sítio ou de chácara ficava a meio caminho, entre a cidade e o campo. Enquanto o sobrado, a casa térrea, o mucambo e as casas de sítio ou de chácara foram comuns desde as primeiras décadas do século XIX, o chalé e o cortiço difundiram-se em fins do oitocentos.

Ao analisar esses tipos edificatórios, Gilberto Freyre elabora uma tipologia que estabelece comparações e hierarquias entre as residências, distinções e semelhanças entre os tipos habitacionais, e relações entre a casa e o meio onde está implantada. Freyre avalia sempre a “*a casa maior em relação com a menor; as duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar*”³⁸⁷.

A esses tipos de habitação estudados por Freyre, pode-se acrescentar outros três que se difundiram na paisagem brasileira do século XIX – todos de influência claramente europeia: o palacete, a vila operária e as casas de enxaimel. Os dois primeiros correspondendo ao processo de re-europeização, e o último a uma transposição do modo de construir europeu para cidades situadas ao sul do país – transposição esta promovida pelos próprios imigrantes.

– O sobrado

O sobrado da paisagem recifense era diferente do sobrado de Salvador, que por sua vez diferia dos sobrados implantados no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Mas era sempre o sobrado

387 FREYRE, *Op. cit.*, p. 30.

– em oposição à casa térrea, ao mucambo, ao cortiço – a casa-grande patriarcal urbanizada.

Antes de tudo, é preciso salientar que o termo, como enfatiza Carlos Lemos, não designava apenas a construção de dois ou mais pavimentos. Inicialmente, indicava o “*espaço sobrado*” ou o espaço que se adquiria em virtude de um “*soalho suspenso*”, podendo estar acima ou abaixo desse piso – como nas construções implantadas em terrenos inclinados, que possibilitavam a criação de um pavimento inferior, atualmente denominado “porão”, mas que, segundo o significado mais antigo, também constituía um “sobrado”³⁸⁸.

O sobrado aparece nos anúncios de jornal ainda nos primeiros anos de consolidação da imprensa no Brasil, após a chegada da Corte, especialmente nas cidades litorâneas com maior número de habitantes, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

*“Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para Santa Rita falle com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender.”*³⁸⁹

Desde os primeiros séculos de colonização, os sobrados variaram em relação à natureza do material, dependendo dos recursos de seus habitantes, do maior ou menor contato com a civilização europeia e das características do solo onde se estabeleceram³⁹⁰ – como salienta Gilberto Freyre e como se tem procurado demonstrar neste ensaio. Assim, em São Paulo predominaram os sobrados de taipa, com telhados de duas águas e largos beirais a proteger as paredes contra as águas da chuva; no Rio de Janeiro, em Salvador e no Recife, foram comuns os

388 LEMOS, Carlos. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996. p. 32-3.

389 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 17.09.1808. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

390 FREYRE, *Op. cit.*, p. 301.

sobrados de tijolo ou de pedra e cal – nas construções urbanas do interior, o barro predominou na argamassa; no litoral, predominaram o marisco e a areia³⁹¹.

Com o tempo, o material construtivo passou a ser elemento de diferenciação social, estando a nobreza da casa caracterizada pelo emprego de materiais mais duradouros em sua composição: “pedra e cal, adobe, telha, madeira de lei, grade de ferro”³⁹².

*“Quem quizer comprar huma propriedade de casas de pedra e cal de tres andares, ás portas da Ribeira; e hum grande sobrado de pedra e cal á quintada da Ilha de Itaparica; e huma boa casa de campo de pedra e cal com seu quintal grande; venhão fallar com Francisco Salustiano Cordeiro de Araújo Frio.”*³⁹³

A própria madeira utilizada na construção foi elemento de distinção social, sendo comuns nos sobrados brasileiros (como nas casas-grandes) as madeiras de lei, o pau-ferro, o pau d’arco, o pau-amarelo e o cedro indígena³⁹⁴.

*“Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado, de duas braças de frente, acabadas a 3 mezes, bem construídas de boas madeiras, bem repartidas, com quintal e bom poço com muito boa agoa, e com muitos bons commodos, as quaes são na rua nova da Princesa; fale com seu dono que mora na Cidade nova, rua do Sabão, passando a caza de Manoel Joaquim do Carmo para a banda do mangue a segunda caza (...)”*³⁹⁵

Ainda em relação ao material empregado na construção dos sobrados, é importante ressaltar o uso do azulejo, muito comum

391 FREYRE, *Op. cit.*, p. 303-7.

392 Idem, *ibid.*, p. 299.

393 *Idade d’Ouro do Brazil*. 14.06.1811. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

394 FREYRE, *Op. cit.*, p. 332.

395 *Diário do Rio de Janeiro*. 19.01.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

em Recife e em São Luís do Maranhão. Segundo Freyre, foi no Recife que o sobrado de azulejo alcançou maior esplendor – influência dos mouros, que chegou ao Brasil por meio dos portugueses³⁹⁶.

Outra influência nos sobrados do Recife (especialmente os mais antigos que permaneceram no espaço urbano do século XIX) foi a holandesa: as empenas laterais dos edifícios, os telhados extremamente inclinados, a construção mais estreita³⁹⁷. Essa influência, no entanto, foi contestada por alguns historiadores da arquitetura brasileira, como Carlos Lemos, para quem esses sobrados são de origem portuguesa, estando ligados à cidade do Porto, onde existem construções muito semelhantes³⁹⁸. Aderbal Jurema, em seu texto *O sobrado na paisagem recifense*, defende a tese apresentada por Freyre, de que a prioridade do sobrado magro do Recife cabe ao holandês (o primeiro a erguer edificações desse tipo), sem deixar de observar que em Lisboa já havia de fato sobrados magros de dois e três andares³⁹⁹. Entretanto, mais importante do que a discussão sobre a origem dessa influência é a caracterização desse tipo edificatório e a análise de seu papel na constituição ou na conformação das paisagens urbanas do Brasil.

No Recife oitocentista, existiram sobrados de três e de quatro pavimentos – alguns chegaram a cinco e até seis andares⁴⁰⁰. O armazém e a senzala ficavam no térreo e o escritório, no pavimento superior; o terceiro e quarto andares eram destinados à sala de visitas e aos quartos de dormir; o quinto andar, às salas de jantar; e o sexto, à cozinha⁴⁰¹, segundo alguns relatos de viagem.

396 FREYRE, *Op. cit.*, p. 312.

397 Idem, *ibid.*, p. 272-3.

398 LEMOS, *Op. cit.*, p. 34.

399 JUREMA, Aderbal. *O sobrado na paisagem recifense*. Recife: Nordeste, 1952. p. 46.

400 FREYRE, *Op. cit.*, p. 306.

401 FLETCHER, James & KIDDER, Daniel. *O Brasil e os brasileiros*. Trad. Elias Dolianiti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 247-9. (Primeira edição: 1857). Acima do sexto andar, às vezes existia um mirante, de onde se observava a cidade. (Idem, *ibid.*, p. 249)

Esse tipo de estruturação arquitetônica naquele período só foi possível porque se tratava de uma sociedade escravocrata – era o escravo que transportava a água, a carne e tudo mais que fosse necessário para o preparo dos alimentos até o sexto andar, onde se situava a cozinha⁴⁰². A existência desses sobrados mais altos resultou em paisagens mais verticalizadas, com um *skyline* recortado em virtude da variação do número de pavimentos dos edifícios.

De modo semelhante, na capital da Bahia, os sobrados atingiram quatro ou cinco andares, sendo mais comuns, entretanto, as construções de um ou dois pavimentos. Somente na região do porto, na cidade baixa de Salvador, predominaram os altos sobrados, em sua maioria de pedra, com três, quatro e cinco pavimentos, como os observados por Spix e Martius em sua viagem ao Brasil⁴⁰³. Junto a essas construções, havia áreas ajardinadas onde sobressaíam as árvores de fruto e as palmeiras⁴⁰⁴.

No Rio de Janeiro, outra cidade litorânea, também existiram sobrados com três ou quatro pavimentos, mas foram mais frequentes na paisagem os que possuíam apenas dois andares. Seu programa de necessidades era similar ao do sobrado de outras regiões do país, com sala de visitas, varanda (ou sala de jantar), alcovas, cozinha e estábulo⁴⁰⁵.

As críticas dos europeus em relação às construções do Rio de Janeiro não eram poucas. Sublinhava-se o fato de serem mal ventiladas e de não possuírem a leveza necessária às residências implantadas nos países quentes; ressaltava-se a ausência de alinhamento e a falta de proporção entre a altura e a largura – considerada muito exígua. Aos olhos do estrangeiro, as casas apareciam “*espremidas entre a colina e o mar*”⁴⁰⁶.

402 FREYRE, *Op. cit.*, p. 311.

403 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 157.

404 FREYRE, *Op. cit.*, p. 272.

405 Idem, *ibid.*, p. 319.

406 Idem, *ibid.*, p. 325.

Em São Paulo, os sobrados de taipa possuíam em média dois pavimentos – como é possível verificar em parte considerável das fotografias tiradas por Militão Augusto de Azevedo em meados e em fins do século XIX. Nas sacadas e nas venezianas, predominava o tom esverdeado, e já em princípios do século XIX, os sobrados exibiam vidraças. Os beirais dessas construções tinham largura suficiente apenas para proteger os transeuntes (e as paredes de taipa) da chuva⁴⁰⁷.

De acordo com Carlos Lemos, as casas urbanas paulistanas dos primeiros séculos, de um modo geral, não possuíam o corredor interno que ligava a rua ou a sala da frente às dependências posteriores. A casa era composta por cômodos em sucessão, de passagem obrigatória. Outra característica dessas construções era o “armazém” – *“nome que davam ao sótão, espaço sob as telhas-vãs, provido de pequenos vãos de iluminação rasgados entre o assoalho e o frechal, tendo como altura cerca de 1,20m”*. Lemos lembra também dos sobrados decorrentes da declividade do lote⁴⁰⁸. Esta última observação é enfatizada por Gilberto Freyre, que afirma que algumas casas eram híbridas: *“meio lanço de sobrado e meio lanço térreo”*; outras apresentavam assobradada apenas uma camarinha⁴⁰⁹. Existe uma discordância, entretanto, com relação à existência do corredor, pois o sociólogo argumenta que *“todas tinham seu corredor, seus compartimentos de taipa de mão, suas câmaras e camarotes”*⁴¹⁰.

Em outras regiões do país (afora nas cidades de maior importância, como Belém do Pará e Porto Alegre, onde existiram sobrados de pedra, alguns com até três pavimentos), o sobrado foi construção menos vertical, possuindo comumente não mais do que dois andares; foi também construção mais simples, erguida com materiais disponíveis no entorno, e muito mais raro na paisagem.

407 FREYRE, *Op. cit.*, p. 309-10.

408 LEMOS, *Op. cit.*, p. 41-2.

409 FREYRE, *Op. cit.*, p. 310.

410 Idem, *ibid.*, p. 310.

Invariavelmente, entretanto, o sobrado foi habitado pelas pessoas mais ricas da sociedade (como antigos aristocratas ou novos burgueses), passando a simbolizar o tipo de habitação mais civilizada nos trópicos:

“Não eram poucos os brasileiros da primeira metade do século XIX para quem a gente boa, o casal de bem, a família bem constituída segundo a ortodoxia patriarcal, devia residir, nas cidades, em sobrado ou casa assobradada, deixando para os indivíduos socialmente menos sólidos as casas térreas de qualquer espécie. Alguns apologistas do sobrado como residência da gente de bem partiam de considerações higiênicas, a que não eram estranhas preocupações de classe, de raça e de status patriarcal; outras partiam francamente de preocupações sociais impregnadas de patriarcalismo. (...)

(...)

Essa concepção – a de que o sobrado ainda patriarcal e já burguês é que representava a melhor ou mais alta civilização brasileira, ao findar o século XVIII e começar o XIX – parece ter sido geral entre os homens esclarecidos da época. Não só brasileiros como europeus do norte da Europa – estes, quase todos, impregnados até à alma de noções burguesas e urbanas de civilização.”⁴¹¹

Mas a “*casa-nobre de cidade*” ou o sobrado, “*antes senhoril que burguês*”, foi aos poucos diminuindo de volume e de complexidade social, com as senzalas se transformando em quartos para criados ou dependências – enquanto “*engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças*” nas proximidades dessas construções⁴¹².

411 FREYRE, *Op. cit.*, p. 420-1.

412 Idem, *ibid.*, p. 270.

– O mucambo

“(...) built of stakes of bamboo, & C., interwoven with pliant twigs. These net-like walls are built double, and the intertices are filled up with mud and clay. The roof is thatched with palm leaves, and this is frequently finished previous to the walls being commenced, so as to preserve the earthen walls from destruction by rain during the process of building (...).” James Wetherell apud Gilberto Freyre, Sobrados e mucambos, p. 423.

Os mucambos eram construções muito simples, normalmente situadas em áreas alagadiças ou em terrenos pouco valorizados. Internamente, possuíam uma sala junto à entrada, um ou dois quartos, às vezes um corredor e, ao fundo, a sala de jantar⁴¹³.

No século XIX, havia mucambos de influência indígena e mucambos de influência africana. Os primeiros eram cobertos por duas ou três camadas de sapé – uma boa proteção contra a chuva e o calor segundo Gilberto Freyre. Já os mucambos de influência africana eram cobertos com palha de coqueiro – material que foi tão utilizado quanto as palmas de carnaúba em palhoças rurais, de praia ou mesmo de cidade⁴¹⁴.

Além da diferenciação de acordo com a influência (indígena ou africana), o sociólogo ressalta a variação de natureza regional *“conforme o material empregado na sua construção – folha de buriti, palha de coqueiro, palha de cana, capim, sapé, lata velha, pedaços de flandres ou de madeira, cipó ou prego”*, sendo esta variação ainda mais notável que a própria diferenciação pelo tipo – mais africano ou mais indígena de mucambo⁴¹⁵.

413 FREYRE (1937), *Op. cit.*, p. 20. O termo é de origem africana (“mu” + “kambo”) e significa “esconderijo”. (Idem, *ibid.*, p. 20)

414 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 298.

415 Idem, *ibid.*, p. 347.

Para Gilberto Freyre, quando o mucambo estava implantado em terreno seco e enxuto, com a cobertura dupla resguardando-o da chuva, era mais higiênico (em virtude da iluminação e ventilação que proporcionava aos cômodos internos) que o sobrado ou a casa térrea⁴¹⁶.

Mas enquanto os habitantes do sobrado eram burgueses e aristocratas e as casas térreas eram habitadas pelo pequeno burguês, o habitante do mucambo era o negro, o caboclo, o parido livre, o “*próprio branco integrado na situação social de caboclo*”⁴¹⁷.

Para o olhar estrangeiro, como o de Andrew Grant, as “*classes inferiores*” habitavam as casas térreas, cabanas e mucambos⁴¹⁸. Mesmo o brasileiro desdenhava o mucambo:

*“Grande parte do desdém do brasileiro ‘progressista’ pela casa de palha ou pelo mucambo – sob vários aspectos, habitação boa para o meio tropical – parece vir do fato de ser o mucambo ou a palhoça um tipo de habitação associado durante séculos a classe, raça e região consideradas inferiores e das quais, muitas vezes, provém o ‘progressista’ ou ‘reformador’ ansioso de desembaraçar-se das marcas dessas origens.”*⁴¹⁹

Os mucambos persistiram de modo bastante expressivo junto a algumas localidades, como Recife, chamando a atenção de fotógrafos, pintores, escritores e outros profissionais e artistas nas primeiras décadas do século XX, como demonstra José Tavares Correia de Lira⁴²⁰. A permanência desse tipo de habitação na paisagem explica-se não apenas pelo agravamento do

416 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 301.

417 Idem, *ibid.*, p. 350.

418 Idem, *ibid.*, p. 422.

419 Idem, *ibid.*, p. 504.

420 LIRA, José Tavares Correia de. “A cidade em preto-e-branco e a cor local: a imagem do Recife através dos mocambos”. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: FAUUSP: FA-PESP, 1998. p. 83-100.

problema habitacional nas cidades ou pelos antagonismos sociais existentes, mas também pelo tipo de material empregado e pela técnica construtiva elementar.

– O sobrado e o mucambo

Do sobrado, Gilberto Freyre afirma que, de início, foi um pouco mucambo:

“(...) As coberturas de capim ou sapé parecem ter sido gerais, nos primeiros tempos; de sapé teriam sido cobertas as próprias casas dos colonos mais ricos dos primeiros tempos; em São Paulo, as casas das câmaras, as igrejas, os edifícios mais nobres. As primeiras casas-grandes, os primeiros sobrados, foram um pouco mucambos, na sua primeira fase: cobertos de sapé.”⁴²¹

E dos mucambos, afirma que alguns foram um pouco sobrados:

“Também se ergueram mucambos-sobrados, isto é, com sótão ou primeiro andar; imitação ainda mais ousada de arquitetura patriarcal e européia, por parte de negros e pardos livres, que os numerosos mucambos com alpendre à frente ou ao lado. Mas foi talvez o alpendre patriarcal (...) o elemento mais ostensivo de enobrecimento de mucambos em habitações patriarcais (...).”⁴²²

Na comparação entre o sobrado e o mucambo, uma das maiores críticas de Gilberto Freyre em relação ao primeiro diz respeito às alcovas – ou quartos sem janelas, desprovidos de luz natural e ventilação adequada –, que tinham a finalidade de resguardar a mulher, a menina, a moça, do exterior, da rua.

421 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 298.

422 Idem, *ibid.*, p. 414.

Todavia, em uma situação em que as casas eram implantadas no alinhamento de lotes estreitos e sem recuo lateral (com as paredes das construções vizinhas colocadas lado a lado), não havia a possibilidade de abrir janelas nos dormitórios, uma vez que na distribuição interna a sala dava para a rua e a cozinha, para o quintal (como é comum ainda hoje em residências horizontais urbanas). Dessa forma, sem o isolamento da casa no terreno, não era possível colocar janelas nos quartos. É provável que essa solução arquitetônica fosse antes de cunho construtivo que social – embora seja necessário considerar também as influências culturais na produção desse tipo de habitação.

Isolado das construções vizinhas, estava o mucambo; implantado nas áreas alagadiças e menos valorizadas. Mas não era apenas a existência do alpendre ou de um sótão ou primeiro andar que indicavam uma semelhança entre o mucambo e o sobrado ou as casas térreas. A própria forma de distribuição interna dos cômodos era semelhante à das casas térreas e sobrados, com a sala na frente, dormitórios (neste caso com aberturas laterais) e corredor na parte central da habitação, e varanda (ou sala de jantar) nos fundos, junto à cozinha. Em termos de disposição dos cômodos internos, os mucambos se assemelhavam às construções urbanas erguidas com materiais construtivos de melhor qualidade.

Ao olhar arguto do sociólogo, não passaram despercebidas as diferenças de localização do sobrado e do mucambo no espaço urbano. Aos antagonismos sociais corresponderam um antagonismo de qualidade de material, com as pessoas mais ricas habitando as construções com elementos mais duradouros em sua composição – um tipo menos “*vegetal de casa*”, em comparação à habitação dos mais pobres⁴²³; e um antagonismo de situação ou de localização da casa – o mucambo sendo implantado na “*zona-lama, mangue, beira de riacho*”, o sobrado,

423 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 299.

nas melhores áreas urbanas⁴²⁴. Gilberto Freyre relaciona o tipo de habitação ao local em que está implantado. Compara o sobrado ao mucambo, anota semelhanças e diferenças, justifica uma hierarquia, considera o entorno, os habitantes, a sociedade, o período histórico.

– Casas Térreas

“(...) a casa térrea: meio-termo entre o sobrado e o mucambo; entre o palácio de rico e a palhoça de pobre ou miserável.” Gilberto Freyre, Sobrados e mucambos, p. 555.

Na hierarquia dos tipos de habitação, a casa térrea ficava no entremeio – entre o sobrado e o mucambo –, correspondendo a um tipo intermediário de habitação caracteristicamente brasileiro, que aparecia nos anúncios de jornal “sob a forma de ‘casas térreas para pequenas famílias’, de ‘casas de porta e janela’, de ‘sobrados pequenos’. Sinal de que não foram de todo insignificantes”⁴²⁵.

“Quem quizer comprar huma morada de cazas térreas na rua de Santa Luzia nº 4, de 3 portas, com bastantes commodos para huma familia; dirija-se a rua da Quitanda, entre a rua do Ouvidor e a do Rozario na loja de Sirigueiro de Manoel Carneiro de Souza.”⁴²⁶

“Vende-se humas casas térreas, em chão próprio, sitas no principio da ladeira da Soledade; quem as quizer comprar; dirija-se a fallar na Loja da Gazeta, que se lhe dirá quem as vende.”⁴²⁷

424 FREYRE, *Op. cit.*, p. 349-50.

425 *Idem, ibid.*, p. 53.

426 *Diário do Rio de Janeiro*. 07.01.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

427 *Idade d’Ouro do Brazil*. 14.08.1818. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

*“Quem quizer comprar duas moradas de cazas ter-
rias no lugar dos Martírios, dirija-se a rua Direita
casa nº 187 (...) que lá achará com quem tratar.”*⁴²⁸

As casas térreas eram habitadas pela pequena burguesia, composta por *“artífices ou pequenos negociantes europeus recém-chegados ao Brasil, por brancos de casa-grande empobrecidos e por gente de cor, bem-sucedida nas artes e nos ofícios manuais”*. Eram construções de baixas dimensões, erigidas ao nível do solo, cobertas com telha, possuindo um número pequeno de janelas na fachada (janelas de rótula em vez de vidraça) e, em sua maioria, destituídas de assoalho⁴²⁹. Internamente, o mesmo sistema de distribuição dos cômodos: sala na frente, alcova e corredores na área central, e cozinha nos fundos. A sala, arejada, e *“o resto da casa, úmido, escuro”*⁴³⁰.

Esse casario médio influía na *“beleza do ‘prospecto’ ou do conjunto urbano”*⁴³¹. Compunha a paisagem ao lado dos sobrados e quase em contraste com o mucambo – construção horizontal ainda mais simples e estigmatizada como habitação das classes inferiores.

– O sobrado de esquina

São poucas as anotações feitas por Gilberto Freyre referentes ao sobrado de esquina. Assinala apenas que representava *“o máximo de aproximação entre o patriarcalismo em declínio e a rua já triunfal”*; representava o *“fim da fase de grande distância”* entre a rua e o sobrado⁴³².

Nestor Goulart Reis Filho acrescenta pouco a essas observações:

428 *Diário de Pernambuco*. 08.06.1827. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP)

429 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 297-8.

430 *Idem, ibid.*, p. 327.

431 *Idem, ibid.*, p. 555.

432 *Idem, ibid.*, p. 36.

“As variações mais importantes apareciam nas casas de esquina. Tendo a possibilidade de aproveitar duas fachadas sobre a rua, alteravam em parte o esquema de planta e telhado, menos para inovar, do que para conseguir o enquadramento de ambas nos modelos tradicionais.”⁴³³

Havia aberturas nas duas faces voltadas para a rua – como se observa em diversas fotografias de meados e de fins do século XIX. Os quartos eram então iluminados e ventilados? O sobrado de esquina apresentava essa vantagem em relação aos outros sobrados? Qual era a diferença no que diz respeito à forma de distribuição interna dos cômodos? Se representavam “o máximo de aproximação entre o patriarcalismo em declínio e a rua”, quem eram os habitantes dos sobrados de esquina? Eram estas construções preferidas ou preteridas em relação aos sobrados com apenas uma fachada voltada para a rua?

Os sobrados de esquina, pode-se dizer, não representavam uma ruptura ou uma exceção em relação ao sobrado tradicional; eram antes uma variação desse tipo habitacional, em função de sua disposição ou situação na quadra urbana.

– O chalé

*“Só no século XIX viriam certas modas européias de casa quebrar a uniformidade portuguesa – a moda do florentino, do gótico e principalmente do chalet. O chalet, este incorporou-se de tal modo à paisagem regional que em alguns trechos venceu a casa acachapada de quatro águas.” Gilberto Freyre, *Mucambos do Nordeste*, p. 19.*

Gilberto Freyre associa o aparecimento dos chalés à época em que se instalaram, nas cidades brasileiras, europeus que

433 REIS FILHO, *Op. cit.*, p. 26.

trabalhavam como operários e artífices, ainda nas primeiras décadas do século XIX. Segundo Freyre, os chalés foram substituindo as casas do antigo estilo colonial, já acomodado à paisagem – casas quadradas, com telhados de quatro águas e beiral com as pontas arrebidadas à maneira do Oriente⁴³⁴.

As próprias casas de engenho foram influenciadas pela europeização da arquitetura (no plano e na técnica), com muito sobrado largo substituído por chalé esguio⁴³⁵.

De acordo com Nestor Goulart, o chalé foi um tipo de arquitetura que resultou da intenção de se adotar as características de residências rurais construídas em madeira, típicas de algumas regiões europeias, particularmente a Suíça, sendo uma solução de “*sentido romântico*”⁴³⁶.

Segundo a caracterização do historiador, era uma casa implantada no centro do lote, com telhados de duas águas cujas empenas voltavam-se para os lados menores (frente e fundos) e as águas, para os lados maiores (as laterais) – em sentido contrário ao da tradição luso-brasileira. Tal disposição da cobertura exigia um afastamento da construção em relação aos limites laterais do terreno, uma vez que os beirais (característicos desse tipo de habitação) avançavam cerca de cinquenta centímetros sobre as paredes, impossibilitando o contato direto com as construções vizinhas – como era comum nas casas urbanas do período colonial. As águas dos telhados eram bastante inclinadas (como nos países onde neva), e o emprego da madeira era vasto – nos pisos, forros, nas portas e janelas, no arremate dos telhados, com peças decoradas⁴³⁷.

“Por chalé passou-se portanto a entender, no Brasil, um esquema de residência com acabamento romântico, sugerindo habitação rural montanhosa da

434 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 455.

435 Idem, *ibid.*, p. 455.

436 REIS FILHO, *Op. cit.*, p. 157-8.

437 Idem, *ibid.*, p. 158.

*Europa, mas com variações que incluíam um uso mais frequente de madeira, paredes de tijolos aparentes, equipamentos de ferro fundido, como colunas, grades e alpendres e até mesmo revestimento com elementos decorativos de inspiração greco-romana.*⁴³⁸

Enfim, tipo de construção de influência nitidamente europeia, que se contrapôs ao sobrado brasileiro tradicional dos três primeiros séculos de colonização, difundindo-se inicialmente nas capitais e, em seguida, no interior do país.

– O cortiço

Além de analisar o mucambo, Gilberto Freyre talvez seja um dos primeiros estudiosos a dar atenção aos cortiços do ponto de vista do tipo de habitação. Uma das observações mais importantes que faz diz respeito à preferência do proletariado europeu ao cortiço em detrimento do mucambo:

*“Com a maior urbanização do país, viriam os cortiços, preferidos aos mucambos pelo proletariado de estilos de vida mais europeus.”*⁴³⁹

O mucambo era habitado por descendentes de índios e africanos, pessoas que aceitavam morar em construções cobertas por folhas de palmeira ou sapé – pode-se pensar até em herança cultural, de modo de vida. Por piores que fossem os cortiços, eram no entanto preferidos aos mucambos pelos estrangeiros.

A origem do cortiço, para Gilberto Freyre, poderia estar no Recife holandês, onde as condições topográficas comprimiram a população e verticalizaram a arquitetura. Nessa cidade, as consequências anti-higiênicas dos cortiços teriam sido atenuadas pela existência de dois grandes rios que a banhavam e

438 REIS FILHO, *Op. cit.*, p. 159.

439 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 299.

serviam – toda ela praticamente plana e sem morros que criassem as bases naturais para altos e baixos sociais⁴⁴⁰.

Já a origem do esquema de implantação do cortiço horizontal, de acordo com Nestor Goulart, pode estar nas estalagens ou hospedarias, como aquela descrita por Saint-Hilaire em seus relatos de viagem:

*“Indicaram-me a hospedaria de um indivíduo conhecido por Bexiga, que tinha mesmo em São Paulo, vastas pastagens. Para essa hospedaria me dirigi. (...) Fizeram entrar meus animais num terreno lamacento, cercado de um lado por um fosso e dos outros dois lados por pequenas construções, cujas numerosas portas davam para o referido terreiro. Essas construções eram os quartos ou aposentos destinados aos viajantes.”*⁴⁴¹

O fato é que, no ano de 1869, só a cidade do Rio de Janeiro possuía 642 cortiços, com 9.671 quartos habitados por 21.929 pessoas⁴⁴². Cortiços horizontais e sobrados transformados em cortiços. Depois de 1888, esse tipo de habitação aumentou ainda mais de densidade:

*“Assenhoreou-se de muito sobrado velho. De muito morro. O destino dos sobrados maiores tem sido este: transformarem-se, os mais felizes em armazéns, hotéis, colégios, pensões (...). Os outros, em cortiços (...).”*⁴⁴³

Em 1893, a Comissão de Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Ephigênia apresentou um

440 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 299.

441 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1945 *apud* REIS FILHO, *Op. cit.*, p. 60; v. SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, p. 121.

442 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 301.

443 Idem, *ibid.*, p. 301.

relatório com os tipos de cortiço existentes na cidade de São Paulo: sobrados convertidos em cortiços; o “*hotel-cortiço*”, segundo a Comissão, espécie de restaurante onde a população operária se aglomerava à noite para dormir em aposentos reservados ou em dormitórios comuns; a “*casinha*”, com prédio independente e frente para a via pública, apenas considerada cortiço por seu “*destino e espécie de construção*”; e o cortiço propriamente dito, ocupando uma área no interior do quarteirão, muitas vezes no quintal de uma venda⁴⁴⁴. Neste caso, um portão lateral marcava a entrada de um corredor estreito e comprido que conduzia a um pátio com três ou quatro metros de largura. Para esse pátio, abriam-se “*as portas e janelas de pequenas casas enfileiradas, com o mesmo aspecto, com a mesma construção, as mesmas divisões internas e a mesma capacidade*”. Essas casas não possuíam mais do que três metros de largura e seis metros de fundo; eram geralmente assoalhadas e forradas na sala e nos quartos. A cozinha, entretanto, não possuía assoalho, nem forro, nem mesmo ladrilhos, segundo a Comissão de Inspeção⁴⁴⁵.

Essa estrutura espacial assemelhava-se à de alguns cortiços das grandes cidades europeias, com espaços livres exíguos (onde se lavava roupa e se criavam animais) e uma única latrina para mais de uma dezena de pessoas⁴⁴⁶.

*“Enquanto isso, havia na área urbana gente morando em casas assobradadas, com cafezais e matas, águas e gado dentro dos sítios.”*⁴⁴⁷

444 v. LEMOS, Carlos. “Os primeiros cortiços paulistanos”. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: FAUUSP: FAPESP, 1998. p. 24-6.

445 Idem, *ibid.*, p. 24-5.

446 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 351.

447 Idem, *ibid.*, p. 351.

– Casas de sítio e casas de chácara

O termo “sítio” pode designar tanto o “estabelecimento agrícola de pequena lavoura”, como a “moradia rural ou chácara nas imediações da cidade”. A chácara é definida como uma “pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação”, a “casa de campo” ou o “terreno urbano de grandes dimensões, com casas de moradia, jardim, horta, pomar, etc.”⁴⁴⁸. O próprio sociólogo passa de uma denominação a outra, alterando apenas a localização geográfica:

“Essas casas de sítio, com capela, baixa de capim, muita árvore de fruta, olho-d’água ou cacimba de onde se vendia água à gente mais pobre da vizinhança, existiam também nas imediações do Rio de Janeiro e do Recife. Os anúncios de jornal estão cheios delas. No Recife, dos últimos anos da era colonial e dos primeiros da Independência, as casas-grandes de sítio floresceram menos como residências do ano inteiro do que como casas de verão, onde os moradores mais ricos, sem se afastarem muito dos seus sobrados da cidade, iam passar a festa e fazer suas estações de água, tomando banho de rio e chupando caju para limpar o sangue. Modificado, o costume prolongou-se até o fim do século XIX.

*Eram em geral casas de um pavimento só, como as chácaras paulistas. Edifícios de quatro águas, como as casas de engenho. Protegiam-nos terraços acachapados ou copiares. As árvores mais comuns nessas casas do Norte eram as goiabeiras, os araçazeiros, os cajueiros, as laranjeiras, os coqueiros; depois se generalizaram as mangueiras, as jaqueiras, as árvores de fruta-pão.”*⁴⁴⁹

448 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 450 e p. 1867. (Primeira edição: 1975).

449 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 308.

Não obstante as variações de significação, na hierarquia dos tipos de moradia, tanto a casa de sítio como a casa de chácara estariam entre a casa-grande de engenho e o sobrado urbano.

Na cidade de São Paulo, as chácaras tiveram prestígio social acima dos sobrados de residência. Eram o tipo de habitação preferido pelos paulistas mais ricos, pois preservavam nessa vida semiurbana o sabor da vida rural⁴⁵⁰.

“Alluga-se ou vende-se uma chácara perto da cidade, com grande casa de morada, rancho e pasto para animaes e quintaes plantados de arvoredos &c. &c. Quem a pretender, dirija-se á esta typographia.”⁴⁵¹

“Vende-se uma chácara no lugar denominado Pary com muito boa casa de taipas bem repartida com grande plantação, (...) com dois grandes poteiros para animaes passando-lhe por dentro o rio Tamanduatehy (...).”⁴⁵²

As casas de sítio ou de chácara conservaram, nas proximidades das áreas urbanas, alguns benefícios das casas de engenho ou de fazenda. Eram cercadas por vastos jardins, com árvores de fruto e parreirais. Segundo Gilberto Freyre, o sítio foi o ponto de confluência do sobrado e da casa de engenho – as duas especializações de habitação patriarcal e arquitetura paisagística no Brasil. Na arquitetura, a casa de sítio ou de chácara foi antes casa de fazenda que de cidade, antes horizontal que vertical, antes casa assobradada que sobrado, sendo sua massa quase um cubo, de acordo com o sociólogo⁴⁵³.

Característica bastante comum a essas construções, tanto no nordeste como no sul do país, foi o alpendre, a varanda em frente à casa, sustentada por pilares⁴⁵⁴.

450 FREIRE, *Op. cit.*, p. 307.

451 *Correio Paulistano*. 25.08.1854. (Acervo do Arquivo do Estado).

452 *Correio Paulistano*. 22.11.1854. (Acervo do Arquivo do Estado).

453 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 322-3.

454 *Idem, ibid.*, p. 323.

“Os estudiosos da arquitetura sempre encontram nas regiões meridionais, como as do Levante, o uso de um abrigo colocado do lado externo das habitações: a galeria mouresca, a ‘loggia’ italiana e a varanda brasileira aqui representada. É muito natural que com uma temperatura que atinge às vezes 45° de calor, sob um sol insuportável durante seis a oito meses no ano, o brasileiro tenha adotado a varanda nas suas construções (...).”⁴⁵⁵

As casas de sítio ou de chácara foram quase sempre construções mais amplas que o sobrado implantado nas cidades; possuíam paredes grossas, às vezes com dois, três palmos de largura, sendo mais arejadas que o sobrado urbano patriarcal⁴⁵⁶.

Levando-se em consideração a qualidade de vida dos moradores e a salubridade da habitação, a casa de sítio ou de chácara correspondeu a moradia melhor que o sobrado na hierarquia dos tipos – uma residência mais ampla, com jardins, situada em terreno de maiores dimensões. Em relação à casa-grande de engenho, tinha a vantagem de estar localizada nas proximidades da cidade. Nas áreas semiurbanas, representou o extremo oposto do mucambo e do cortiço – os tipos de habitação mais precários do oitocentos.

– Ainda o chalé

Em *Ordem e Progresso*, ao tratar das mudanças sociais que ocorreram nas três últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Gilberto Freyre retoma a questão dos chalés, cita o palacete e, embora não mencione as vilas operárias, escreve sobre Luís Tarquínio e sua ação humanitária na Bahia.

Freyre faz as seguintes observações em relação ao chalé erguido no período que vai de 1870 à passagem do século:

455 DEBRET, *Op. cit.*, p. 200-1.

456 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 324.

“(...) Foi ainda no período de vida nacional considerado no ensaio que se segue (...) que se manifestaram com intensidade: (...) a voga do chalé, (...) a voga das terrasses de hotel e café (...).”⁴⁵⁷

Sobre o morador do chalé, escreve:

“(...) Os baús do mascate pareciam aos olhos de um menino burguês de chalé ou de sobrado verdadeiros baús mágicos, tanto era o que reuniam (...).”⁴⁵⁸

“(...) O que mostra ter havido então, através da música, comunicação entre os salões aristocráticos e burgueses e a rua; e que música composta para regalo da burguesia dos sobrados e chalés tornou-se popular, no sentido de ser gostosamente assobiada pela gente do povo e por ele adotada em suas reuniões (...).”⁴⁵⁹

“(...) Burguês elegante, morador de chalé cor-de-rosa com jardim francês e ‘court’ de tênis à inglesa para os filhos rapazes.”⁴⁶⁰

No que diz respeito ao chalé erguido em outras cidades da América Latina, observa:

“(...) Com efeito, Montevideu – cidade republicana e incaracterística – se antecipara ainda mais que Buenos Aires, ao Rio de Janeiro ainda monárquico, em tornar-se um aglomerado de chalés suíços, vilas italianas, estruturas góticas, pavilhões mouriscos (...).”⁴⁶¹

E estabelece uma sutil relação entre o chalé e o pitoresco:

457 FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 161 e 163.

458 Idem, *ibid.*, p. 294.

459 Idem, *ibid.*, p. 320.

460 Idem, *ibid.*, p. 753.

461 Idem, *ibid.*, p. 864.

“(...) mulheres que os mais requintados instalavam em chalés discretos e em recantos pitorescos (...).”⁴⁶²

Estava em voga o chalé. Com isso o sociólogo quer dizer que esse tipo de habitação importado da Europa se espalhou pela paisagem urbana de várias cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Difundiu-se não como um tipo de habitação rural – como era originariamente –, mas como um tipo de habitação urbana que apenas pelas características de seus telhados de duas águas com a empena voltada para a fachada principal lembrava, muitas vezes de maneira vaga, o chalé suíço.

O morador do chalé, como evidencia o sociólogo, era o burguês: o menino burguês, a burguesia, o burguês elegante, havendo uma comunicação entre o chalé e a rua. O mascate entrava no chalé com seus baús que regalavam os olhos do menino burguês; e as modinhas da burguesia dos chalés e sobrados iam para as ruas, sendo assobiadas pela gente do povo. O burguês elegante morava em chalé cor-de-rosa com jardim francês e quadra de tênis à inglesa. O chalé, suíço; o jardim, francês; a quadra de tênis, inglesa. O ecletismo do chalé burguês de fins do século XIX prolongava-se nos espaços livres de uso particular. Para o gosto burguês, não havia necessidade de coerência entre o partido arquitetônico e o paisagismo. Bastava ser de estilo europeu.

Ao lado das vilas italianas, dos palacetes renascentistas, das estruturas góticas ou neo-góticas e dos pavilhões mouriscos, o chalé se espalhou não apenas pelas cidades brasileiras, mas por outras cidades da América Latina, como Buenos Aires e Montevideú. Estava em voga o Ecletismo.

Havia também uma relação entre o chalé e o pitoresco. Em seu texto “Chalés paulistanos”, Eudes Campos considera o chalé como “*fruto do Romantismo do século XIX*” e como um tipo de habitação extremamente popular nas últimas déca-

462 FREYRE, *Op. cit.*, p. 909.

das do século XIX⁴⁶³. De acordo com o arquiteto, o Pitoresco, que se difundiu com os jardins e paisagens inglesas a partir de meados do setecentos, contribuiu para a concepção de novos tipos de arquitetura burguesa de uso residencial, inspirados em construções como o *cottage* e a vila suburbana⁴⁶⁴. O chalé, que em sua forma original era simples construção de madeira com planta retangular e telhado de duas águas com uma das empenas voltada para a fachada principal, típica das áreas rurais da Suíça francesa, passou a ser bastante apreciado na Europa a partir de meados do século XIX⁴⁶⁵. Esse interesse pelo chalé suíço estava em consonância com o Romantismo, com a difusão das residências inspiradas em *cottages* e vilas no espaço urbano sob a forma de casas rústicas com jardins, e com a estética do Pitoresco. No Brasil, a ideia do chalé se difundiu principalmente nas últimas décadas do século XIX, como uma das manifestações pitorescas da arquitetura:

“(...) Na arquitetura brasileira, seria talvez possível reconhecer como manifestações pitorescas, além do chalé, as grutas de jardim, os lagos em miniatura, cruzados por pontes e cercados com peças de cimento imitando troncos de árvore, como os bancos do mesmo gênero ou mesmo os jardins de inverno, que vieram formalizar o uso das antigas varandas, mais francas e mais diretamente voltadas para a paisagem local.”⁴⁶⁶

Na cidade de São Paulo, o chalé popularizou-se a tal ponto que chegou a ser objeto de medidas restritivas municipais⁴⁶⁷. Um dos elementos mais característicos desses chalés oitocentistas foram os lambrequins, que não existiam nas construções

463 CAMPOS, Eudes. “Chalés paulistanos”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.16, n.1, jan/jun. 2008. p. 47.

464 Idem, *ibid.*, p. 49-50.

465 Idem, *ibid.*, p. 51-2.

466 REIS FILHO, *Op. cit.*, p. 184.

467 CAMPOS, *Op. cit.*, p. 47.

originais, mas se espalharam pela paisagem urbana nos telhados de duas águas com a empena voltada para a frente tanto no Brasil como na Europa.

A crítica mais contundente que Gilberto Freyre faz em relação à propagação dos chalés no Brasil aparece à página 432 de *Ordem e progresso*, embasada no discurso de Vieira Souto. Em 1876, esse engenheiro chamou atenção para a necessidade de se eliminar a prática “*de moldar as nossas construções pelas estrangeiras, sem a mínima atenção às condições de clima, riquezas e costumes do país*”⁴⁶⁸. Souto criticou ainda a cópia desregrada de modelos de revistas de arquitetura na construção de edifícios do Rio de Janeiro, ansiando por uma arquitetura mais brasileira e mais racional. No que diz respeito ao chalé, o engenheiro questionou em 1876: “*E que diremos dessa conhecida forma de chalé, tão própria para os arrabaldes quanto absurda para ser adotada nas ruas do comércio, como já se vai fazendo entre nós?*”⁴⁶⁹. Ao que acrescenta o sociólogo: “*A voga desse tipo de construção rural, importado da Suíça, e indevidamente situado no Brasil em ruas até de comércio, não foi somente no Rio de Janeiro que alcançou extremos por vezes ridículos: também no Recife (...)*”⁴⁷⁰. No Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo – onde surgiram prédios de comércio na área central com telhados de duas águas rendilhados de lambrequins⁴⁷¹.

No que concerne ao palacete e à vila operária, embora não tenham sido analisados pelo sociólogo, corresponderam a outros dois tipos de habitação muito comuns na paisagem de algumas cidades brasileiras em fins do oitocentos. Da mesma forma que o chalé, resultaram da importação de modelos de habitação europeia.

468 SOUTO, Vieira. *O melhoramento*, p. 121 *apud* FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 432.

469 *Idem*, *ibid.*, p. 432.

470 FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 432.

471 CAMPOS, *Op. cit.*, p. 79.

– O palacete

Em *Ordem e progresso*, Gilberto Freyre chega a citar o palacete em passagens como esta:

*“(...) Todos um tanto desorientados ao que fazer com seu dinheiro ganho de repente; ou com o seu poder ou a sua cultura, também adquiridos às vezes às pressas. Fortunas assim rápidas foram a do conde de Leopoldina; a de Delmiro Gouveia, que de pequeno chefe de estação de estrada de ferro suburbana subiu quase da noite para o dia, nos primeiros anos da República, a grande industrial, modernizando sua residência, antiga casa de subúrbio do Recife, num palacete com banheira quase imperial de mármore: palacete a que deu um tanto liricamente, o nome da esposa: Villa Anunciada.”*⁴⁷²

O palacete foi muitas vezes a habitação dos “*novos-ricos*”, dos “*novos-poderosos*”, dos “*novos-cultos*”, para empregar as expressões de Gilberto Freyre⁴⁷³. A habitação das pessoas deslumbradas com a Europa, obcecadas por tudo que era europeu. O fato de ter sido várias vezes denominado “*villa*” – Villa Anunciada, Villa Penteado, Villa Maria, Villa Horácio Sabino – indica sua origem, europeia.

Foram as vilas italianas renascentistas, dos séculos XVI e XVII, como aquelas projetadas por Andrea Palladio, que serviram de inspiração para as vilas inglesas e francesas dos séculos XVIII e XIX, as quais, por sua vez, especialmente as francesas, tornaram-se o ideal de habitação das famílias brasileiras mais ricas da passagem do século XIX para o século XX.

Transplantada para o Brasil a ideia das vilas europeias, construíram-se aqui palacetes em vez de palácios, implantados em lotes que poucas vezes ultrapassavam as dimensões de uma

472 FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 663.

473 Idem, *ibid.*, p. 663.

quadra. Esses palacetes eram cercados por jardins à francesa ou à inglesa, apresentavam em sua arquitetura uma notória mistura de estilos e, em seu programa de necessidades, adaptações tanto em função das dimensões reduzidas, como em função de hábitos e costumes da família brasileira. O palacete correspondeu assim a uma miniaturização da arquitetura produzida na Europa; à criação de um cenário europeu em pleno país tropical.

Maria Cecília Naclério Homem analisa o palacete paulistano como uma das formas urbanas de morar da elite cafeeira. Segundo a historiadora, o palacete foi a casa mais luxuosa da capital paulista em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX; um tipo de residência construído em alvenaria de tijolos em contraposição aos antigos sobrados de taipa⁴⁷⁴.

A forma de implantação do palacete – isolado das divisas do lote – e parte de suas dependências internas assemelhavam-se às da casa francesa (sendo não raro designadas segundo a mesma nomenclatura). Entretanto, persistiram nesse tipo de habitação urbana elementos do sobrado e da chácara brasileira, como a sala de jantar próxima à cozinha, de maiores dimensões que os outros cômodos, e o quarto independente destinado aos hóspedes, situado no térreo⁴⁷⁵.

A partir da análise e estudo de vários palacetes implantados na cidade de São Paulo, Maria Cecília Naclério Homem estabelece um conceito de palacete: “*tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando apuro estilístico, afastada das divisas do lote, de preferência dos quatro lados, situada em meio a jardins, possuindo área de serviços e edículas nos fundos*”⁴⁷⁶.

O palacete possuía um programa de necessidades bem mais complexo que o do sobrado, havendo espaços específi-

474 HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 13.

475 Idem, *ibid.*, p. 14.

476 Idem, *ibid.*, p. 14.

cos para cada função ou atividade desenvolvida na residência. Como salienta a historiadora, o estar foi desmembrado no palacete em sala de recepção, sala de visitas, sala de música, sala de estar, de jogo, de bilhar, *fumoir*, sala de estudos, biblioteca, sala de senhoras, *hall*, gabinete. Entre a cozinha e a sala de jantar, foram introduzidas a copa, a sala de almoço e a sala de refeição infantil⁴⁷⁷. Na distribuição interna do palacete, os cômodos apareciam agrupados em três zonas – estar, repouso e serviços –, separadas entre si por meio do vestíbulo ou *hall* de distribuição. Os serviços passaram a ser realizados não somente na cozinha, como nos porões e nos fundos – as áreas menos valorizadas da casa; o estar acomodou-se ao térreo e às áreas ajardinadas; e o repouso ficou restrito aos dormitórios, comumente localizados no primeiro andar da construção⁴⁷⁸.

É importante ressaltar ainda a relação entre o palacete e a imigração de fins do século XIX e a relação entre o palacete e a importação de materiais e técnicas construtivas. Se por um lado o oitocentos foi caracterizado pelo processo de re-europeização, salientado por Gilberto Freyre, e pela obsessão por tudo que era europeu, que levou à importação de modelos de palacetes por brasileiros que visitaram Paris ou outras cidades europeias, por outro lado, a presença de imigrantes em terras brasileiras também favoreceu a implantação desse tipo de habitação. Muitos imigrantes enriquecidos com a indústria ergueram palacetes ecléticos cercados por jardins. No que diz respeito à importação de materiais e técnicas construtivas, o palacete marcou a passagem da taipa, da pedra e do granito para o tijolo, em algumas cidades brasileiras, e a difusão de materiais construtivos que requeriam novas técnicas (como o cobre, a ardósia, o mármore e as telhas francesas), ao mesmo tempo que possibilitavam mudanças na arquitetura de uso residencial:

“O uso de calhas, condutores e águas furtadas de folha de Flandres, ou de cobre, por exemplo, nas casas

477 HOMEM, *Op. cit.*, p. 125.

478 Idem, *ibid.*, p. 129.

mais ricas, permitiu a adoção de corredores laterais descobertos e de pátios internos, o que era praticamente impossível anteriormente, tempo dos grandes telhados de duas águas. Agora, não mais alcovas escuras e abafadas e sim dormitórios, todos eles providos de janelas para o exterior.”⁴⁷⁹

A arquitetura do palacete possuía também a função simbólica de conferir *status* ao seu proprietário – o que fez Gilberto Freyre afirmar sobre o brasileiro: “o rico, logo que faz fortuna, levanta palacete bem à vista da rua”⁴⁸⁰. O palacete, com seus vastos jardins valorizando a construção, era arquitetura para ser vista e admirada em todo seu caráter europeu e “civilizado”; era expressão maior da riqueza e da fortuna de seus moradores. Por outro lado, alguns ricos industriais, depois de erguerem seus palacetes nas áreas mais nobres das cidades, ergueram também habitações para os operários de suas fábricas, às quais, agrupadas, também se atribuiu a denominação de “vilas”, neste caso, vilas operárias.

– Vilas Operárias

As primeiras vilas operárias, denominadas “Vilas Modelo”, decorreram de experiências realizadas na Inglaterra e Escócia durante o século XVIII. Seus construtores foram proprietários, agricultores e industriais que fixaram seus trabalhadores junto ao local de trabalho, oferecendo a eles todos os recursos necessários à sua sobrevivência – moradia, escolas, farmácias, hospitais e institutos para a “*formação de seu caráter*”⁴⁸¹. Esse modelo de habitação do trabalhador foi importado para o Brasil

479 LEMOS, *Op. cit.*, p. 54.

480 FREYRE (1936), *Op. cit.*, p. 36.

481 CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. “Imagens do conforto: a casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo”. In: BRESCIANI, Stella (org.). *Imagens da cidade*. São Paulo: Marco Zero: FAPESP, 1993. p. 129-30.

na segunda metade do século XIX da mesma forma que o palacete, ou seja, após o contato de pessoas das camadas mais altas da sociedade com as cidades europeias.

Na vila operária brasileira, as casas eram quase sempre geminadas, possuindo um ou dois pavimentos e dimensões bastante reduzidas. Correspondiam ao abrigo mínimo. Em alguns casos, havia outros edifícios na vila operária, além das casas dos trabalhadores, como escolas, creches, armazéns, farmácias e igrejas, que faziam com que os operários não tivessem necessidade de sair da vila. Isso aconteceu na vila da Fábrica de Boa Viagem em Salvador, na Vila Maria Zélia (exemplar das primeiras décadas do século XX) em São Paulo, e na Vila Ruy Barbosa no Rio de Janeiro – vilas que ocupavam grandes terrenos. Os espaços livres dessas vilas eram compostos pelas ruas que separavam os blocos de habitação, normalmente dispostos ortogonalmente, e por praças e jardins para sociabilidade dos trabalhadores e de suas famílias.

Mas o termo “vila operária” designou não apenas esses grandes agrupamentos de habitação proletária, como todo e qualquer conjunto de residências, destinado à habitação operária, que se enquadrasse nos padrões estabelecidos pela municipalidade, sendo construídos segundo suas normas de higiene e com as dimensões mínimas exigidas pelo governo. Com a intenção de combater o cortiço e outras formas de habitação insalubres que se tornaram focos de epidemias nas últimas décadas do oitocentos, o governo não só favoreceu como estimulou a construção desses conjuntos de residências ditas higiênicas para moradia do operariado, oferecendo isenção de impostos e outros benefícios aos seus construtores.

Do ponto de vista sociológico, a vila-operária correspondeu à habitação dos trabalhadores da indústria, que cediam parte de seu salário e muito de sua vida individual para morar perto da fábrica, a serviço de seus patrões. Segundo Eva Blay, a vila operária foi um “*sucedâneo da senzala*”⁴⁸².

482 BLAY, *Op. cit.*, p. 30.

Enquanto Gilberto Freyre vê nas ações de um industrial como Luís Tarquínio uma preocupação social em uma época em que o país era recém-saído do sistema de trabalho escravo, preservando muitas de suas idiossincrasias, Eva Blay percebe na construção das vilas operárias uma continuidade do sistema anterior, com os patrões encontrando meios de manter sua mão-de-obra sob controle contínuo, como à época da escravidão, e com a devolução de parte do salário dos trabalhadores sob a forma de aluguel e dos pagamentos de compras efetuadas no armazém da vila (que correspondiam aos suprimentos básicos de alimentação e higiene, anteriormente garantidos pelos próprios senhores de escravos, da mesma forma que a habitação).

Para Freyre, Luís Tarquínio foi “*pioneiro industrial*” ao fundar a Companhia Empório Industrial do Norte em 1891, cuidando dos aspectos financeiros, técnicos e sociais. Do ponto de vista do sociólogo, Tarquínio organizou a relação patrão-operário sobre novas bases e sua iniciativa na Bahia, embora de interesse econômico, teve um valor social ao efetuar a contratação de ex-escravos e descendentes de escravos que foram “*integrados em novo sistema de atividade, de recreação e de cultura*”⁴⁸³. Na mesma linha de Luís Tarquínio, Freyre cita outros industriais, como Jorge Street, em São Paulo, os Mascarenhas, em Minas Gerais, e o engenheiro Carlos Alberto de Meneses, em Pernambuco⁴⁸⁴.

Eva Blay menciona a iniciativa de Luís Tarquínio na Bahia: “*Em 1892, Luís Tarquínio inaugura em Salvador, Bahia, o Empório Industrial do Norte, ainda hoje [1985] em pleno funcionamento, ocupando uma área de 19.337m², para produzir tecido branco e colorido*”. E acrescenta: “*Do conjunto industrial fazia parte uma vila operária com 258 residências, escola, jardim de infância, enfermaria, e outros serviços coletivos, com água, calçamento*”⁴⁸⁵. Entretanto,

483 FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 924-5.

484 Idem, *ibid.*, p. 925.

485 BLAY, *Op. cit.*, p. 31.

considera a vila operária como uma das soluções encontradas pelos industriais para fixar a mão-de-obra, sobretudo a especializada, junto à fábrica. A intenção do industrial era não apenas atrair, mas “*reter a força de trabalho*”⁴⁸⁶.

Inegável é a influência mais uma vez europeia nesse tipo de iniciativa. O próprio Luís Tarquínio esteve na Inglaterra para escolher e adquirir as máquinas de sua indústria⁴⁸⁷. Junto com as máquinas trouxe a ideia da vila operária. Jorge Street, já no século XX, ergueu a Vila Maria Zélia em São Paulo com programa inspirado na Vila Operária de Saltaire, construída na Inglaterra em 1851. Mas embora o programa fosse importado, o projeto dessas vilas foi muitas vezes elaborado não apenas por engenheiros civis ou engenheiros-arquitetos, mas também por mestres-de-obras nem sempre identificados⁴⁸⁸.

As casas de vila do Brasil possuíam programa básico semelhante ao programa das casas operárias voltadas para a rua: uma sala (ou varanda), uma cozinha, um quarto e uma latrina ou banheiro no quintal. Eram normalmente térreas e erguidas com materiais de melhor qualidade que os cômodos dos cortiços. Ainda assim, eram casas pequenas, com intensa sobreposição de funções em oposição ao palacete – moradia do empregador. Em alguns casos, foram construídas casas de vila com dois dormitórios; as casas com três dormitórios constituíram exceções e foram destinadas principalmente aos funcionários especializados. De qualquer modo, não possuíam grandes dimensões – economizava-se espaço e material construtivo por meio da construção de casas mínimas geminadas; como consequência, essas residências eram funcionais e exibiam racionalidade construtiva. Seus lotes eram estreitos e retangulares, contendo um pequeno quintal ao fundo; conseqüentemente, a planta

486 BLAY, *Op. cit.*, p. 30-1.

487 v. FREYRE (1959), *Op. cit.*, p. 924.

488 BENCLOWICZ, Carla Milano. *Prelúdio modernista: construindo a habitação operária em São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAUUSP, 1989. p. 264.

das casas tendia ao retângulo. As construções eram erguidas na maioria das vezes no alinhamento dos lotes, sem recuo frontal. A sala e o quarto dividiam a fachada principal, com suas janelas voltadas para a rua da vila. A cozinha ficava depois da sala e, após a cozinha, situava-se o banheiro, com entrada pelo quintal – a disposição do banheiro junto à cozinha tinha como objetivo a redução de gastos com a tubulação de água e esgoto.

Em termos gerais, a casa da vila operária foi o tipo de habitação mínima destinada ao trabalhador (livre) da fábrica, implantada no Brasil da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do século XX. Proporcionou algum conforto a seus moradores, possuindo a salubridade exigida por lei – ventilação e iluminação nos cômodos internos, distanciamento do solo por meio de porões quando necessário; cozinhas e latrinas individuais para cada residência. Era funcional e racional, renunciando a modernidade, como observa Carla Milano Benclowicz⁴⁸⁹. Independentemente das razões que justifiquem sua existência no Brasil – ações humanitárias ou meio de reter e explorar o trabalhador – foi um tipo de habitação de influência claramente europeia, como o palacete. Ambos resultaram da importação de formas de morar da Europa – o palacete para o patrão, a vila para os operários; os mais ricos definindo, mais uma vez, a habitação dos trabalhadores segundo modelos que lhes eram convenientes.

– Casas de “enamel” ou enxaimel

O termo “enxaimel” designa cada uma das estacas que em conjunto com as varas compõe o engradado das paredes de taipa que recebe e mantém o barro amassado⁴⁹⁰. Designa também um tipo específico de construção de influência anglo-saxônica, com estrutura de madeira e espaços preenchidos com tijolos,

489 v. BENCLOWICZ, *Op. cit.*

490 v. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 775. (Primeira edição: 1975).

que se tornou comum nas colônias alemãs fundadas no sul do Brasil durante o século XIX.

A “casa de ‘enchamel’” (ou enxaimel) é descrita por Paul Hellmuth Keller em seu texto sobre a arquitetura de Joinville⁴⁹¹. Segundo Keller, esse tipo de habitação, introduzido no Brasil pelos saxões, resultou, entre outros fatores, da necessidade de se erguer moradias secas, de piso elevado, com paredes que constituíssem uma defesa contra as intempéries⁴⁹². No caso de Joinville, o granito existente no entorno só podia ser extraído com o uso de explosivos; além disso, a dificuldade de transporte, conseqüente também da escassez de estradas, restringiu o emprego da pedra nas construções. Desse modo, restou aos colonos de origem alemã a opção de erguer suas casas fazendo uso da madeira, do barro e da argila⁴⁹³.

Nas construções de enxaimel, a madeira garante a estabilidade estrutural. A armação, composta por vigas, colunas, escoras e travessas, é preenchida com tijolos, segundo formas e disposições variadas, uma vez que as paredes, nesse tipo de construção, servem apenas de vedação – não têm função estrutural. Cria-se, assim, um contraste nas casas de enxaimel entre o vermelho vivo dos tijolos e os tons escuros da madeira que compõe o desenho da fachada – cuja empena volta-se para a rua, à maneira dos chalés⁴⁹⁴.

A cobertura dessas construções é formada por telhas planas, de fabricação manual, em formato de escamas, que exigem um declive acentuado, contribuindo para a existência de um sótão nessas residências, com um melhor aproveitamento do espaço⁴⁹⁵.

491 v. *Álbum histórico do centenário de Joinville, 1851-1951*. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda, 1951. p. 65-9.

492 KELLER, Paul Hellmuth. “Joinville na arquitetura”. In: *Álbum histórico do centenário de Joinville, 1851-1951*. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda., 1951. p. 67.

493 Idem, *ibid.*, p. 67.

494 Idem, *ibid.*, p. 67.

495 Idem, *ibid.*, p. 68.

Essa inclinação do telhado, necessária para a colocação das telhas planas em escamas, não tem no Brasil a mesma função dos países da Europa, onde a neve deve deslizar para não sobrecarregar a cobertura. Indica uma nítida influência europeia na construção e, de certo modo, a transposição de um estilo arquitetônico europeu (considerando-se ainda a forma de construção da moradia) para um país tropical – ainda que se considere que ao sul do Brasil as condições climáticas se assemelhassem às da Europa.

As casas de enxaimel foram características das colônias alemãs (ou nórdicas), fundadas no Brasil do século XIX, desvencilhadas naquele momento da mistura de culturas e raças que marcou a formação do povo brasileiro e dos tipos de casa existentes em território nacional. Constituíram um tipo de habitação específico de imigrantes que por um determinado período se mantiveram apartados do processo de miscigenação. Corresponderam à transladação de um estilo europeu de habitação anterior à difusão do ecletismo, segundo outros objetivos (antes culturais que acadêmicos ou de re-europeização).

* * *

A casa brasileira do século XIX foi, assim, marcada por profundas transformações que acompanharam as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais do período e dependeram muitas vezes da importação de novas tecnologias, novos materiais, novas técnicas construtivas, de profissionais especializados e de modelos europeus de habitação. Se nas primeiras décadas do oitocentos o sobrado, já então caracteristicamente brasileiro e adaptado aos trópicos, correspondeu ao tipo de habitação mais requintada no espaço urbano (como a casa de chácara nos arredores das cidades), em fins do século XIX foi o palacete ajardinado a construção mais rica; enquanto o mucambo correspondeu à habitação menos valorizada de princípios do oitocentos (menos ainda que a casa térrea sem assoalho), em fins do século XIX, o cortiço foi o tipo de habitação mais pobre

do espaço urbano; se na primeira metade do século XIX, o trabalhador compulsório habitou o térreo dos sobrados no espaço urbano ou as senzalas diminutas junto às chácaras, em fins do oitocentos foram erguidas vilas operárias para os trabalhadores livres junto ao local de trabalho – a fábrica; foi também na segunda metade do século XIX que se difundiu o chalé, como um dos tipos de habitação favoritos da burguesia enriquecida. Tudo isso no sentido da europeização ou re-europeização – do espaço urbano, da arquitetura, da casa brasileira.

